

FLAMA

N.º 1145/ANO XXVI/13 DE FEVEREIRO DE 1970/7.50



**BOEING 747:
VISITA AO MAIOR
AVIAO COMERCIAL
DO MUNDO**

**COREIA:
GUERRA FANTASMA
NO PARALELO 38º**

**"POSTER" GIGANTE
DO F.C. DO PORTO**



O PRÍNCIPE CARLOS ENTRA NA CÂMARA DOS LORDES



Fundação Cuidar o Futuro



«Não nos podemos isolar da marcha do mundo e, como grande parte do Ocidente está já em fase pós - industrial, temos de caminhar para uma maior mobilidade das pessoas, no emprego da sua capacidade de trabalho» - afirma Maria de Lourdes Pintassilgo, a única mulher entre os 219 procuradores à Câmara Corporativa.

LOURDES PINTASSILGO: O DESEJO DE SERVIR

A engenheira Maria de Lourdes Pintassilgo, único elemento feminino entre os 219 procuradores à actual Câmara Corporativa, define assim as coordenadas do seu programa:

«Primeira, a contribuição de toda a gente, em particular das mulheres, para o desenvolvimento do seu próprio país, desenvolvimento harmonioso e global; segunda, o aprofundamento e gosto pela cultura nacional, cultura profunda, autêntica, que pode até ser mítica, onde se exprime de modo mais genuíno a alma dum povo;

terceira, o aproveitamento inteligente das condições de mobilidade geográfica do homem do nosso tempo; quarta, salvaguarda e promoção das atitudes de paz e reconciliação que por vezes existem no coração do homem sem que ele possa exprimi-las. Parece-me que essa atitude de paz e unidade tem que ser processada constantemente através de todas as ocasiões e oportunidades.»

UMA ESTRUTURA SOCIAL NOVA

Este programa, que se poderia chamar de «vida», passa, naturalmente, pela óptica do movimento internacional católico a que Maria de Lourdes Pintassilgo pertence — o «Graal». No campo de limites mais definidos que é a Câmara Corporativa, em Portugal, a procuradoria exprime o que gostaria que fosse, a sua acção:

«Na função muito modesta que é a minha, gostaria de ajudar o nosso país a caminhar para uma estrutura social em que todos os homens tivessem direito à vida; e não só à vida monótona de casa e do trabalho, mas à vida no que ela implica de liberdade, de possi-

bilidade, de relação — o que o desenvolvimento industrial tende a abafar, se não for acompanhado duma promoção social muito forte.

Gostaria de ajudar o nosso povo e todas as instituições ao serviço do povo a serem, como é da tradição portuguesa, «dum só rosto e dum só parecer», quer dizer, a serem íntegros, leais, honestos, coerentes no seu trabalho e nas suas opções. Gostaria ainda que o povo português, ao mesmo tempo que desenvolve a sua identidade própria, fosse capaz, neste segunda metade do séc. XX, de se abrir ao mundo planetário em que vivemos. Penso que isso permitiria uma fraternidade maior no mundo e uma circulação de bens materiais e culturais que seria um enriquecimento cultural para nós e para os outros povos que mal nos conhecem.»

Isto, o que gostaria de fazer. Como dissemos ao princípio, porém, a sua voz é apenas uma voz feminina ao lado de 219 vozes masculinas. Perguntámos a Maria de Lourdes Pintassilgo como poderá pôr em prática o seu programa e quizesmos saber das dificuldades imediatas que encontrará para a sua execução.

«Creio que entre mim e os meus colegas da Câmara Corporativa não haverá tanto a diferença entre homens e mulheres, mas as diferenças que resultam de personalidades e mentalidades diferentes. Apesar de a minha experiência ser limitada, calculo que as pessoas integradas na Câmara Corporativa estão entre aquelas que pensam que a mulher é capaz de realizar tarefas no domínio público. Depois — e como sou calvoira na função — tudo quanto posso dizer é que estou à procura de um caminho para o nosso país, que sei que tem de ser necessariamente diferente dos

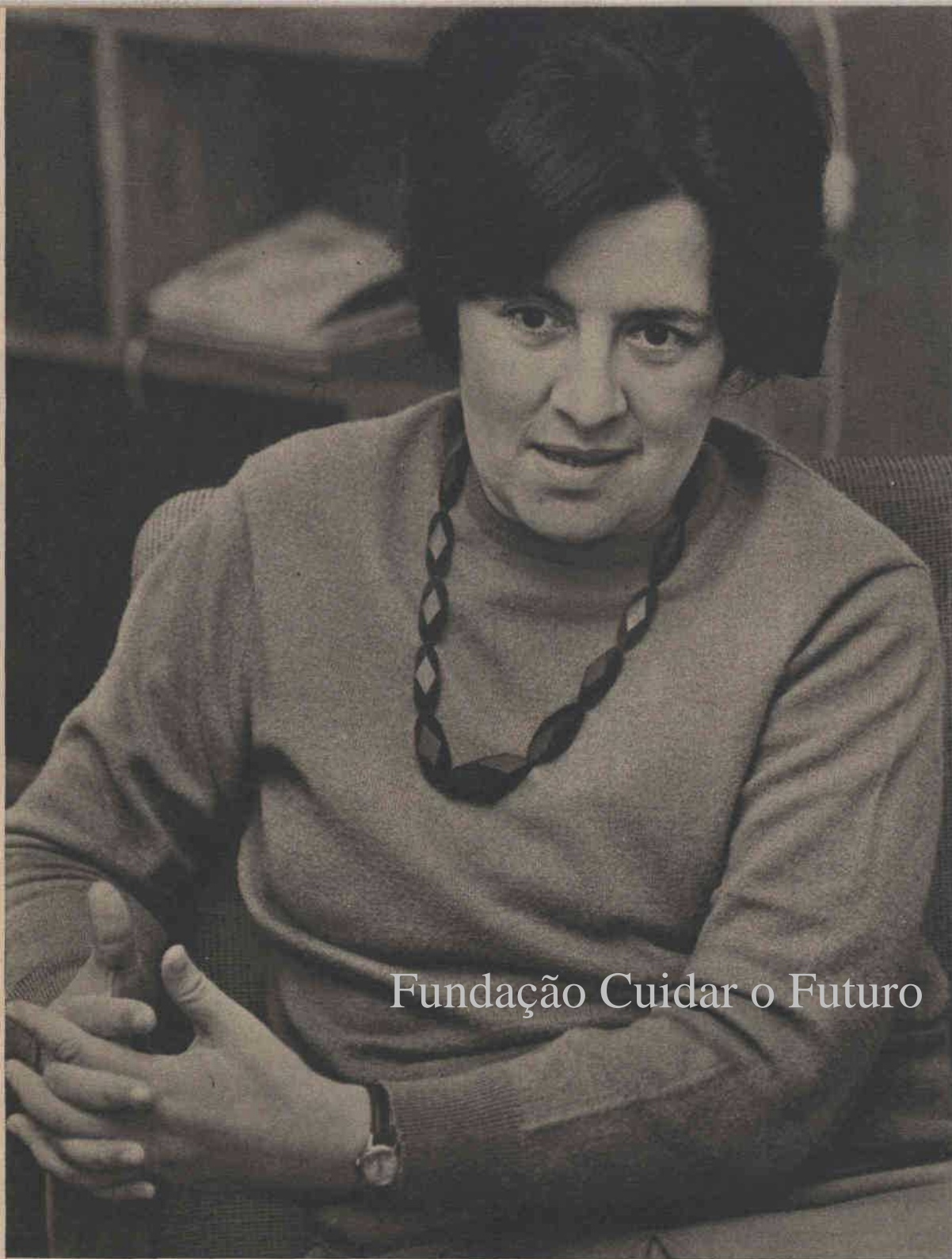
outros países. Num trabalho de grupo, como este, cada um de nós tem de se deixar afectar pela mentalidade dos outros. Não posso dizer que vou impor a minha mentalidade. Haverá contradições, pontos de vista diferentes, mas, acredito firmemente no diálogo e na aprendizagem. Por outro lado, penso que há, neste momento, um estilo novo de administração e que esse estilo novo é já por si portador duma mensagem. Há, também, uma geração que não coincide com a minha idade, que tem de certa maneira os objectivos que eu tenho — isso dá-me a garantia de que é possível lançar sementes; se as sementes dão fruto ou não, já não é connosco.»

«EXPERIÊNCIAS-PILOTO»

A luta pelos seus objectivos não a trava a engenheira Maria de Lourdes Pintassilgo apenas no seu novo cargo.

«Paralelamente a esta função, dedico-me ainda em Portugal a outras actividades. Acredito nas experiências-piloto, em iniciativas de carácter temporário e experimental. Actualmente, através do «Graal», estou em contacto com grupos de adultos e de estudantes universitários, numa tentativa de criação duma mentalidade interdisciplinar. Como nós estamos ainda numa fase intensa de industrialização, é natural que em Portugal aconteça que a especialização das pessoas num determinado sector seja determinante da sua orientação de vida e de trabalho realizado. Mas, como não nos podemos isolar da marcha do mundo, e como grande parte do mundo ocidental está já numa fase pós-industrial, temos de caminhar para uma maior mobilidade das pessoas no emprego da sua capacidade de trabalho. Quer dizer — cada pessoa, embora tenha uma base de filologia, enge-





Fundação Cuidar o Futuro

Duas expressões de Maria de Lourdes Pintassilgo, a engenheira química que tudo abandonou para se colocar integralmente ao serviço da comunidade.



nharia ou medicina, poderá ter ao longo da sua vida outros sectores de vida sobre que se debruçar. Se é certo que um homem de per si não pode acumular todas as especializações, serão necessárias equipas com pessoas de especializações diferentes, mas capazes de se abrirem para novos mundos. Aca-baremos, assim, com a unilateralidade dos técnicos, dos humanistas, dos economistas.»

APRENDER E COMUNICAR

Actualmente, é também directora do programa de um centro internacional de cultura orientado pelo «Graal», na Holanda. Dentro dessa actividade, organizou, no Verão passado, um seminário sobre a cooperação dos homens e das mulheres na sociedade, em que estiveram representados todos os países da Europa, Estados Unidos e México.

«Tenho em preparação um pro-

grama para o ensino universitário, em colaboração com universidades americanas, no sentido de alargar o «curriculum» rígido das universidades para outras expressões da forma de aprender e comunicar. Esse programa não teria só em vista o ensino universitário em Portugal, pois qualquer projecto deste género tem que ser, desde a base, europeu. Acredito na unidade europeia e é necessário trabalhar para ela.»

Natural de Abrantes, veio para Lisboa aos sete anos, e aqui decorreu toda a sua vida escolar. Em 1953, obteve a formatura em Engenharia Química. Desde muito nova interessou-se pelo estudo e pelas actividades circum-escolares, tendo sempre um lugar responsável dentro dos vários grupos a que pertenceu.

«Foi o desejo constante de serviço que me levou, desde muito

cedo, a entrar em todas as actividades circum-escolares que de algum modo proporcionavam estímulo à actividade criadora dos estudantes ou os preparavam melhor para o futuro. Não considero isso um mérito meu; devo-o a muita gente que encontrei pelo caminho.»

Ainda em 1953, foi, com o dr. Sedas Nunes, presidente do primeiro e único congresso dos universitários católicos em Portugal. («Foi numa altura em que na Universidade estava muito acesso o desejo duma universidade nova.») Dezassete anos depois, verifica-se o mesmo anseio. Fez-se um inquérito que teve grande número de respostas, embora a sua elaboração não obedecesse a grande rigor científico.

FALTA UMA ACÇÃO DE CONJUNTO

«As pessoas que organizaram esse congresso espalharam-se por várias funções e, quando reencontro algumas delas, verifico que cada uma está a fazer um trabalho sério para o progresso do País. Penso que a minha geração não teve um sentido de grupo na acção desenvolvida. Houve gente individualmente muito válida, mas não conseguimos uma acção de conjunto.»

Tendo sido a primeira engenheira admitida na Companhia União Fabril, foi anteriormente bolseira do Instituto de Alta Cultura. Em 1956, trabalhou durante quatro anos no Movimento Internacional de Estudantes (organização de alguns milhões de estudantes de 87 países). Durante dois anos, foi presidente desse movimento, — única mulher a ocupar esse cargo — eleita por uma maioria de delegados masculinos.

Em 1960, deixou o exercício da engenharia como tal e, a partir de 1961, empenhou-se no trabalho duma organização internacional católica que consistia em coordenar equipas de trabalho em vários países, da representação dessa organização junto da UNESCO e, ainda, com mulheres de todos os continentes, procurar uma forma de vida e de expressão na sociedade, satisfatória para a mulher enquanto tal e que pudesse ter impacte na vida social.

O desejo de servir o povo português integra-se no desejo de servir a humanidade inteira.

«A minha lealdade ao povo português passa pela minha lealdade à humanidade inteira, porque acredito basicamente na solidariedade humana, porque acredito que estamos todos no mesmo barco. Citando uma célebre economista inglesa, direi que «somos todos solidários numa nave espacial que se chama a Terra».